

VIA-SACRA

Apresentação

«Se alguém contemplasse de longe a sua pátria mas de permeio estivesse o mar, veria aonde chegar, mas não disporia dos meios para ir até lá. O mesmo se passa connosco... Vislumbramos a meta a alcançar, mas de permeio está o mar do século presente... Ora, a fim de que pudéssemos dispor também dos meios para lá chegar, veio de lá Aquele para quem nós queríamos ir... e forneceu-nos o madeiro para atravessarmos o mar. De facto, ninguém pode atravessar o mar do século presente, se não é levado pela cruz de Cristo... Não abandones [pois] a cruz, e a cruz te levará».

Estas palavras de Santo Agostinho, tiradas do seu *Comentário ao Evangelho de João* (2, 2), introduzem-nos na oração da Via-Sacra.

De facto, a Via-Sacra quer estimular em nós este gesto de nos *agarrarmos* ao madeiro da Cruz de Cristo ao longo do mar da vida. Por isso, a Via-Sacra não é uma simples prática de devoção popular com carácter sentimental; mas exprime a essência da experiência cristã: «Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me» (*Mc* 8, 34).

No início de cada estação, depois da habitual enunciação, aparece uma frase muito breve que pretende oferecer a chave de leitura da respectiva estação. Idealmente podemos *recebê-la* como que vinda de uma criança, numa espécie de apelo à simplicidade dos pequeninos que sabem captar o coração da realidade e num espaço simbólico de acolhimento, na oração da Igreja, na voz da infância por vezes ofendida e explorada.

A Palavra de Deus, que será proclamada, é tirada do Evangelho de João, excepto a das estações sem texto evangélico de referência ou que o têm noutros evangelhos. Com esta escolha, pretendeu-se evidenciar a mensagem de glória da Cruz de Jesus.

Depois o texto bíblico é ilustrado por uma reflexão breve, mas clara e original.

A oração dirigida ao «Humilde Jesus» – expressão cara ao coração de Agostinho, é a confissão que a Igreja-Esposa dirige ao Esposo que a redimiu com o seu Sangue.

Segue-se uma invocação ao Espírito Santo, que guia os nossos passos e que derrama no nosso coração o amor divino: é a Igreja apostólica, conduzida por Pedro, que bate à porta do coração de Deus.

Cada uma das estações individualiza uma *pegada* particular deixada por Jesus ao longo do Caminho da Cruz, que o crente é chamado a copiar. Assim os passos que marcam o caminho da Via-Sacra são: verdade, honestidade, humildade, oração, obediência, liberdade, paciência, conversão, perseverança, essencialidade, realeza, dom de si mesmo, maternidade, expectativa silenciosa.

Introdução

Cristo padeceu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais os seus passos.

Irmãos e Irmãs em Cristo,

encontramo-nos aqui para percorrer, uns com os outros, o Caminho da Cruz de Jesus.

Fixemos o nosso olhar interior em Cristo e invoquemo-l'O com coração ardente: «Peço-Vos, Senhor! *Dizei à minha alma: sou Eu a tua salvação! Dizei-o de maneira que eu Vos ouça!*».

Seguir, acreditar, rezar: eis os passos simples e seguros a que Jesus nos convida durante este Caminho da Cruz, e que hão-de, por sua graça, levar-nos a descobri-l'O a Ele próprio, sempre mais, como Caminho da Verdade e da Vida.

Oração inicial

Presidente:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R/. Amen.

Oremos

Senhor Jesus,
Vós nos convidais a seguir-Vos também
nesta vossa hora extrema.
Em Vós, está cada um de nós
e nós, apesar de muitos, somos Um só em Vós.
Na vossa hora, está presente a hora da provação
da nossa vida,
nos seus aspectos mais crus e duros;
está presente a hora da paixão da vossa Igreja
e da humanidade inteira.

Está presente a hora das trevas:
quando «tremem os fundamentos da terra»
e o homem, «parcela da vossa criação»,
geme e sofre com ela;
quando as várias máscaras da mentira
ridicularizam a verdade
e as lisonjas do sucesso sufocam
o apelo íntimo da honestidade;
quando o vazio de sentido e de valores
anula a obra educativa
e a desordem do coração desfigura a ingenuidade
dos pequeninos e dos débeis;
quando o homem perde o caminho
que o leva ao Pai
e já não reconhece em Vós
o rosto belo da própria humanidade.

Nesta hora, insinua-se a tentação da fuga,
o sentimento da desolação e da angústia,
enquanto a traça da dúvida corrói a mente
e, como no palco, o pano da escuridão cai sobre a alma.

E Vós, Senhor,
 que ledes no livro aberto do nosso frágil coração,
 voltais a perguntar-nos nesta noite,
 como um dia aos Doze:
 «Também vós quereis ir embora?».

Não, Senhor,
 não podemos nem queremos ir embora,
 porque só «Vós tendes palavras de vida eterna»,
 Só Vós sois «a palavra da verdade»
 e a vossa Cruz
 é a única «chave que nos abre aos segredos
 da verdade e da vida».

«Nós Vos seguiremos para onde quer que fordes!».
 Nesta adesão, está a nossa adoração,
 enquanto, do horizonte do ainda não,
 um raio de alegria beija o já do nosso caminho.

R/. Amen.

PRIMEIRA ESTAÇÃO

Jesus é condenado à morte

Jesus cala-Se; guarda em Si a verdade

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 18, 37-40

Pilatos disse a Jesus: «Logo, Tu és rei!» Respondeu-lhe Jesus: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz». Pilatos replicou-Lhe: «Que é a verdade?» Dito isto, foi ter de novo com os judeus e disse-lhes: «Não vejo n'Ele nenhum crime. Mas é costume eu libertar-vos um preso

na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?» Eles puseram-se de novo a gritar, dizendo: «Esse não, mas sim Barrabás!» Ora Barrabás era um salteador.

Pilatos não encontra motivo algum de condenação em Jesus, tal como não encontra em si próprio a força para se opor a tal condenação.

O seu ouvido interior permanece surdo à Palavra de Jesus e não compreende o seu testemunho da verdade.

«Ouvir a verdade é obedecer-lhe e acreditar nela». É viver livremente sob a sua orientação e entregar-lhe o próprio coração.

Pilatos não é livre: está condicionado do exterior, mas aquela verdade escutada continua a ressoar no seu íntimo como um eco que bate à porta e desinquieta.

Por isso vem cá fora, para encontrar os judeus; «foi ter de novo» com eles, sublinha o texto, como que num impulso para fugir de si mesmo. E a voz que lhe chega de fora, prevalece sobre a Palavra que está dentro.

Aqui se decide a condenação de Jesus, a condenação da verdade.

Humilde Jesus,
também nós nos deixamos condicionar por aquilo que está *fora*.
Já não sabemos escutar a voz subtil,
exigente e libertadora da nossa consciência
que, *dentro*, amorosamente faz apelo e convida:
«Não saias fora, reentra em ti mesmo:
é no teu homem interior que habita a verdade».
Vinde, Espírito de Verdade,
ajudai-nos a encontrar, no «homem oculto no íntimo do coração»,
o Rosto Sagrado do Filho
que nos renova na Semelhança Divina.

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Estava a Mãe Dolorosa
Junto da Cruz, lacrimosa,
Enquanto Jesus sofria.*

SEGUNDA ESTAÇÃO

Jesus é carregado com a Cruz

Jesus leva a cruz, carrega sobre Si o peso da verdade

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 6-7.16-17

Os sumos sacerdotes e os seus servidores gritaram: «Crucifica-O! Crucifica-O!» Disse-lhes Pilatos: «Levai-O vós e crucificai-O. Eu não descubro n'Ele nenhum crime». Os judeus replicaram-lhe: «Nós temos uma Lei e, segundo essa Lei, deve morrer, porque disse ser Filho de Deus». (...) Então, entregou-O para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus. Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota.

Pilatos hesita, procura um pretexto para soltar Jesus, mas cede à vontade que prevalece e vocífera, que apela à Lei e faz insinuações.

E continua a repetir-se a história do coração ferido do homem: a sua mesquinhez, a sua incapacidade de sobrelevar o olhar de si mesmo para não se deixar enganar pelas ilusões da magra compensação pessoal e erguer-se para o alto seguindo o voo livre da bondade e da honestidade.

O coração do homem é um microcosmo.

Nele, se decidem os grandes destinos da humanidade, se resolvem ou se agravam os seus conflitos. Mas o ponto decisivo é sempre o mesmo: acolher ou perder a verdade que liberta.

Humilde Jesus,

na contínua sucessão dos dias da vida

o nosso coração olha para baixo, para o seu pequeno mundo,

e, todo absorvido pela contabilidade do próprio bem-estar,

fica cego à mão do pobre e do indefeso

que mendiga atenção e pede ajuda.

Quando muito comove-se, mas não se move.

Vinde, Espírito de Verdade,

cativai o nosso coração e atraí-o a Vós.
«Guardai sadio o seu paladar interior,
para poder saborear e beber
a sabedoria, a justiça, a verdade, a eternidade»!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Uma longa e fria espada,
Nessa hora atribulada,
O seu coração feria.*

TERCEIRA ESTAÇÃO

Jesus cai pela primeira vez

Jesus cai; mas, manso e humilde, levanta-Se

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo Mateus 11, 28-30

«Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve».

As quedas de Jesus, ao longo do Caminho da Cruz, não pertencem à Sagrada Escritura; são um legado da piedade tradicional, guardado e cultivado no coração de tantos em oração.

Na sua primeira queda, Jesus dirige-nos um convite, abre-nos um caminho, inaugura uma escola para nós.

É o convite para ir ter com Ele na experiência da fraqueza humana, a fim de descobrir nela o enxerto da Força divina.

É o caminho que conduz à fonte da autêntica saciedade, a da Graça que basta.

É a escola onde se aprende a mansidão que acalma a rebeldia e onde a confiança toma o lugar da presunção.

A partir da cátedra da sua queda, Jesus propõe-nos sobretudo a grande lição da humildade, «o caminho que O levou à ressurreição». O caminho que, depois de cada queda, nos dá a força para dizer: «Agora recomeço, Senhor; mas convosco, não sozinho!»

Humilde Jesus,
 as nossas quedas, tecidas de limitações e pecado,
 ferem o orgulho do nosso coração,
 fecham-no à graça da humildade
 e embargam o caminho que nos leva ao vosso encontro.
 Vinde, Espírito de Verdade,
 libertai-nos de toda a pretensão de auto-suficiência
 e concedei-nos reconhecer, em cada uma das nossas quedas,
 um degrau da escada para subir até Vós!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Oh! Quão triste e quão aflita
 Padecia a Mãe bendita,
 Enquanto outros sorriam.*

QUARTA ESTAÇÃO

Jesus encontra sua Mãe

*Junto à Cruz de Jesus, a Mãe «está»:
 esta é a sua oração e a sua maternidade*

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 25-27

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.

São João refere o facto de a Mãe estar junto à Cruz de Jesus, mas nenhum evangelista nos fala directamente de um encontro entre ambos.

Na realidade, é neste «estar da Mãe» que se concentra a expressão mais densa e alta do encontro. No aparente estatismo do verbo estar, vibra a íntima vitalidade de um dinamismo.

É o dinamismo intenso da oração, que se conjuga com a sua pacata passividade. Rezar é deixar-se envolver pelo olhar amoroso e veraz de Deus, que nos revela a nós mesmos e nos envia para a missão.

Na oração autêntica, o encontro pessoal com Jesus torna mãe e discípulo amado, gera vida e transmite amor. Dilata o espaço interior do acolhimento e tece místicos laços de comunhão, confiando-nos um ao outro e abrindo o tu ao nós da Igreja.

Humilde Jesus,
quando as adversidades e as injustiças da vida,
o sofrimento inocente e a sinistra violência
nos fazem invectivar contra Vós,
Vós convidais-nos a *estar*, como vossa Mãe, aos pés da Cruz.
Quando as nossas expectativas e as nossas iniciativas,
desprovidas de futuro ou marcadas pela falência,
nos levam a fugir no desespero,
Vós chamais-nos à força da esperança.
Verdadeiramente tínhamos esquecido
a força deste *estar* como expressão do *rezar*!
Vinde, Espírito de Verdade,
sede Vós o «grito do nosso coração»,
que, incessante e inexprimível,
está confiante na presença de Deus!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Como chorava de dor,
Esta Mãe Piedosa ao ver
Seu filho sofrer tais penas.*

QUINTA ESTAÇÃO

Jesus é ajudado por Simão Cireneu a levar a Cruz
*Jesus aprende a obediência de amor,
ao longo do caminho da Paixão*

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo Lucas 23, 26

Quando O iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus.

Simão de Cirene é um homem cujo retrato nos é dado pelos evangelistas com particular precisão de nome e proveniência, família e actividade; é um homem fotografado num lugar e tempo determinados, e de certo modo constrangido a levar uma cruz que não é sua. Na realidade, Simão de Cirene é cada um de nós. Recebe o madeiro da Cruz de Cristo, como um dia nós recebemos e acolhemos o seu sinal no santo Baptismo.

A vida do discípulo de Jesus é esta obediência ao sinal da Cruz, num gesto cada vez mais caracterizado pela liberdade do amor. É o reflexo da obediência do seu Mestre. É deixar-se, com pleno abandono, instruir como Ele pela geometria do amor, pelas próprias dimensões da Cruz: «a largura das obras de bondade; o comprimento da perseverança nas adversidades; a altura da expectativa que aguarda e sonha alto; a profundidade da raiz da graça que penetra na gratuidade».

Humilde Jesus,
quando a vida nos apresenta um cálice amargo e difícil de beber,
a nossa natureza fecha-se, protesta,
não ousa deixar-se atrair pela loucura
daquele amor maior que faz da renúncia alegria,
da obediência liberdade,
do sacrifício dilatação do coração!
Vinde, Espírito de Verdade,
tornai-nos obedientes à visita da Cruz,
dóceis ao seu sinal que abraça tudo em nós:
«corpo e alma, pensamentos e vontade,
mente e sentimento, agir e sofrer»,
e tudo dilata à medida do amor!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Qual homem não choraria,
Se visse a Mãe de Jesus
Em tão cruel suplício?*

SEXTA ESTAÇÃO

A Verónica limpa o rosto de Jesus

Jesus não olha à aparência. Jesus vê o coração

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Da Segunda Carta aos Coríntios do Apóstolo São Paulo 4, 6

O Deus que disse: «Das trevas brilhe a luz», foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.

Ao longo do Caminho da Cruz, a piedade popular regista o gesto de uma mulher, denso de delicadeza e veneração, como que um rasto do perfume de Betânia: Verónica limpa o rosto de Jesus. Naquele Rosto, desfigurado pelo sofrimento, Verónica reconhece o Rosto transfigurado pela glória; na fisionomia do Servo sofredor, ela vê o mais Belo dos filhos dos homens. Este é o olhar que suscita o gesto gratuito da ternura e recebe, em recompensa, a efigie do Rosto Sagrado! Verónica ensina-nos o segredo do seu olhar de mulher, «que vai ao encontro do outro e lhe serve de ajuda: ver com o coração!».

Humilde Jesus,
o nosso é um olhar incapaz de ir *mais além*:
mais além da indigência, para reconhecer a vossa presença,
mais além da sombra do pecado,
para vislumbrar o sol da vossa misericórdia,
mais além das rugas da Igreja, para contemplar o rosto da Mãe.
Vinde, Espírito de Verdade,
deitai nos nossos olhos «o colírio da fé»
para que não se deixem atrair pela aparência das coisas visíveis,
mas aprendam a fascinação das invisíveis.

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Quem pode não ficar triste,
Ao contemplar esta Mãe
Sofrendo com o seu Filho?*

SÉTIMA ESTAÇÃO

Jesus cai pela segunda vez

Jesus não dá mostras de força, mas ensina a paciência

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Da Primeira Carta do Apóstolo São Pedro 2, 21b-24

Cristo padeceu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais os seus passos. Ele não cometeu pecado nem na sua boca se encontrou engano; ao ser insultado, não respondia com insultos; ao ser maltratado, não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga com justiça; subindo ao madeiro, Ele levou os nossos pecados no seu corpo, para que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça: pelas suas chagas fostes curados.

Jesus cai de novo sob o peso da Cruz. Sobre o madeiro da nossa salvação pesam não só as enfermidades da natureza humana, mas também as adversidades da vida. Jesus carregou o peso da perseguição contra a Igreja de ontem e de hoje, a perseguição que mata os cristãos em nome de um deus alheio ao amor e a que mina a sua dignidade com «lábios mentirosos e palavras arrogantes». Jesus carregou o peso da perseguição contra Pedro, aquela contra a voz clara da «verdade que interpela e liberta o coração». Jesus, com a sua Cruz, carregou o peso da perseguição contra os seus servos e discípulos, contra aqueles que respondem ao ódio com o amor, à violência com a mansidão. Com a sua Cruz, Jesus carregou o peso daquele exagerado «amor de nós mesmos que chega ao desprezo de Deus» e espezinha o irmão. Tudo carregou voluntariamente, tudo sofreu «com a sua paciência, para dar uma lição à nossa paciência».

Humilde Jesus,
nas injustiças e adversidades desta vida,
não resistimos com paciência.
Muitas vezes imploramos, como sinal da vossa força,
que nos livreis do peso do madeiro da nossa cruz.
Vinde, Espírito de Verdade,
ensinai-nos a caminhar segundo o exemplo de Cristo
para «realizar os seus importantes preceitos de paciência
com as atitudes do coração»!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*P'los pecados do seu povo
Viu Jesus sofrer tormentos
E receber tão maus tratos.*

OITAVA ESTAÇÃO

Jesus encontra as mulheres de Jerusalém que choram por Ele
Jesus fixa em nós o olhar e suscita o pranto da conversão

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo Lucas 23, 27-31

Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-Se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos; pois virão dias em que se dirá: “Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram”. Hão-de, então, dizer aos montes: “Caí sobre nós!” E às colinas: “Cobri-nos!” Porque, se tratam assim a madeira verde, o que não acontecerá à seca?».

Jesus Mestre, ao longo do Caminho do Calvário, continua a instruir a nossa humanidade. Com o seu olhar de verdade e misericórdia, ao encontrar as mulheres de Jerusalém, recolhe as lágrimas de compaixão derramadas por Ele. Ele, o Deus que chorou e Se lamentou sobre Jerusalém, educa agora o pranto daquelas mulheres para que não fique estéril lamentação externa. Convida-as a reconhecerem n'Ele a sorte do Inocente injustamente condenado e queimado, como madeira verde, pelo «castigo que nos salva». Ajuda-as a interrogarem a madeira seca do próprio coração para sentirem a dor benéfica da compunção.

Aqui brota o pranto autêntico, quando os olhos confessam com as lágrimas não só o pecado, mas também a dor do coração. São lágrimas abençoadas, como as de Pedro, sinal de arrependimento e penhor de conversão, que renovam em nós a graça do Baptismo.

Humilde Jesus,
 no vosso corpo sofredor e maltratado
 insultado e escarnecido,
 não sabemos reconhecer
 as feridas das nossas infidelidades e das nossas ambições,
 das nossas traições e das nossas rebeldias.
 São feridas que clamam
 e invocam o bálsamo da nossa conversão,
 quando hoje já não sabemos chorar pelos nossos pecados.
 Vinde, Espírito de Verdade,
 mandai sobre nós o dom da Sabedoria!
 Na luz do Amor que salva,
 dai-nos o conhecimento da nossa miséria,
 «as lágrimas que dissolvem a culpa,
 o pranto que merece o perdão»!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Minha Mãe, fonte de amor,
 Faz-me sentir tua dor,
 Faz-me contigo sofrer.*

NONA ESTAÇÃO

Jesus cai pela terceira vez

Jesus, com a sua debilidade, torna forte a nossa debilidade

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo Lucas 22, 28-30a.31-32

*«Vós sois os que permaneceram sempre junto de Mim nas minhas pro-
 vações, e Eu disponho do Reino a vosso favor, como meu Pai dispõe dele a meu*

favor, a fim de que comais e bebais à minha mesa, no meu Reino. (...). Simão, Simão, olha que Satanás pediu para vos joeirar como trigo. Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desapareça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos».

Com a sua terceira queda, Jesus confessa com quanto amor abraçou, por nós, o peso da provação e renova o chamamento para O seguirmos até ao fim na fidelidade. Mas permite-nos também lançar um olhar para além do véu da promessa: «Se nos mantivermos firmes, reinaremos com Ele».

As suas quedas pertencem ao mistério da sua Encarnação. Procurou-nos na nossa debilidade, descendo até ao fundo da mesma para nos elevar até Ele. «Mostrou-nos em Si mesmo o caminho da humildade, para nos abrir o caminho do regresso». «Ensinou-nos a paciência como arma para vencer o mundo». Agora, caído no chão pela terceira vez, enquanto «Se compadece das nossas fraquezas», indica-nos o modo para não sucumbir na provação: perseverar, permanecer firmes e inabaláveis. Simplesmente: «permanecer n'Ele».

Humilde Jesus,
 diante das provações que põem à prova a nossa fé
 sentimo-nos desolados:
 ainda não acreditamos que estas *nossas* provações
 já foram as *Vossas*
 e que Vós nos convidais simplesmente
 a vivê-las *convosco*.
 Vinde, Espírito de Verdade,
 nas quedas que assinalam o nosso caminho,
 ensinaí-nos a apoiar-nos na fidelidade de Jesus,
 a crer na sua oração por nós,
 para acolher aquela corrente de força
 que só Ele, o *Deus-connosco*, nos pode dar!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Faz arder meu coração
No amor do Cristo Deus,
Para que possa agradecer-Lhe.*

DÉCIMA ESTAÇÃO

Jesus é despojado das suas vestes

Jesus fica nu, para nos revestir com a veste de filhos

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 23-24

Os soldados, depois (...) pegaram na roupa de Jesus e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, excepto a túnica. A túnica, toda tecida de uma só peça de alto a baixo, não tinha costuras. Então, os soldados disseram uns aos outros: «Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará». Assim se cumpriu a Escritura, que diz: Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes. E foi isto o que fizeram os soldados.

Jesus fica nu. A imagem de Jesus despojado das vestes é rica de ressonâncias bíblicas: leva-nos até à nudez inocente das origens e à vergonha da queda.

Na inocência original, a nudez era a veste gloriosa do homem: a sua amizade cristalina e bela com Deus. Com a queda, a harmonia de tal relação rompe-se, a nudez causa vergonha e traz consigo a lembrança dramática daquela perda.

Nudez é sinónimo de verdade do ser.

Despojado das suas vetes, Jesus tece, a partir da Cruz, o vestido novo da dignidade filial do homem. Aquela túnica sem costuras permanece ali, íntegra, para nós: a veste da sua filiação divina não se rompeu, mas é-nos dada do alto da Cruz.

Humilde Jesus,
 diante da vossa nudez,
 descobrimos o essencial
 da nossa vida e da nossa alegria:
 sermos, em Vós, filhos do Pai.
 Mas confessamos também a resistência sentida
 ao abraçar a pobreza como dependência do Pai
 e ao acolher a nudez como vestido filial.
 Vinde, Espírito de Verdade,
 ajudai-nos a reconhecer e bendizer, em cada despojamento que sofremos,
 um encontro com a verdade do nosso ser,
 um encontro com a nudez redentora do Salvador,
 um trampolim de salto para o abraço filial com o Pai!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Santa Mãe, isto Te peço,
 Que as chagas do Crucifixo
 Alentem meu coração.*

DÉCIMA PRIMEIRA ESTAÇÃO
Jesus é pregado na Cruz
Elevado da terra, Jesus atrai todos a Si

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.
 R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 18-22

Lá O crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio. Pilatos redigiu um letrado e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus

Nazareno, Rei dos Judeus». Este letreiro foi lido por muitos judeus, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade e o letreiro estava escrito em hebraico, em latim e em grego. Então, os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: «Não escrevas “Rei dos Judeus”, mas sim: “Este homem afirmou: Eu sou Rei dos Judeus”». Pilatos respondeu: «O que escrevi, escrevi».

Jesus crucificado está no centro; a inscrição real, lá no alto da Cruz, desvenda as profundidades do mistério: Jesus é o Rei, e a Cruz o seu trono. A realeza de Jesus, escrita em três línguas, é uma mensagem universal: para o simples e o sábio, para o pobre e o poderoso, para quem se abandona à Lei divina e para quem confia no poder político. A imagem do Crucificado, que nenhuma sentença humana poderá jamais remover das paredes do nosso coração, permanecerá para sempre a Palavra real da Verdade: «Luz crucificada que ilumina os cegos», «tesouro oculto que só a oração pode descerrar», coração do mundo.

Jesus não reina dominando com um poder deste mundo, Ele «não dispõe de nenhuma legião». «Jesus reina, atraindo»: o seu íman é o amor do Pai que n'Ele se entrega por nós «até ao fim sem confins». «Nada escapa ao seu calor»!

Senhor Jesus, crucificado por nós!
Vós sois a confissão
do grande amor do Pai pela humanidade,
o ícone da única verdade credível.
Atraí-nos a Vós,
para aprendermos a viver
«por amor do vosso amor».
Vinde, Espírito de Verdade,
ajudai-nos a preferir sempre «Deus e a sua vontade
aos interesses do mundo e às suas potências,
para descobrirmos na impotência externa do Crucificado
a força incessante da verdade».

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*A Mãe viu o Filho amado,
De pés e braços pregado
Sangrando das cinco chagas!*

DÉCIMA SEGUNDA ESTAÇÃO

Jesus morre na Cruz

*Jesus vive a sua morte
como dom de amor*

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 28-30

Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!» Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensofando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-Lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

«Tenho sede». «Tudo está consumado». Nestas duas frases, Jesus confia-nos, com um olhar voltado para a humanidade e outro para o Pai, o desejo ardente que envolveu a sua pessoa e a sua missão: o amor ao homem e a obediência ao Pai. Um amor horizontal e um amor vertical: eis o desenho da Cruz! E do ponto de encontro deste duplo amor, lá onde Jesus inclina a cabeça, brota o Espírito Santo, primeiro fruto do seu regresso ao Pai.

Neste sopro vital da consumação, vibra a lembrança da obra da criação agora redimida; mas vibra também o apelo a todos nós, crentes n'Ele, para «completarmos aquilo que falta, das tribulações de Cristo, na nossa carne». Até que tudo esteja consumado!

Senhor Jesus, morto por nós!
Vós pedis para dar,

morreis para entregar
e entretanto fazeis-nos descobrir no dom pessoal
o gesto que cria o espaço da unidade.
Perdoai o vinagre da nossa recusa e da nossa incredulidade,
perdoai a surdez do nosso coração
ao vosso grito de sede
que continua a elevar-se do sofrimento de tantos irmãos.
Vinde, Espírito Santo,
herança do Filho que morre por nós:
sede Vós a «guiar-nos para a verdade completa»
e «a raiz que nos guarda unidos»!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Viu o seu doce Jesus
Morrer triste e desolado,
Entregando o seu Espírito.*

DÉCIMA TERCEIRA ESTAÇÃO

***Jesus é descido da Cruz
e entregue a sua Mãe***

O corpo de Jesus é acolhido no abraço da Mãe

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 32-35.38

Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e também ao outro que tinha sido crucificado juntamente com Ele. Mas, ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não Lhe quebraram as pernas. Porém, um dos soldados

traspassou-Lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água. Aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas e o seu testemunho é verdadeiro. E ele bem sabe que diz a verdade, para vós crerdes também. (...) Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas, pediu a Pilatos que lhe deixasse levar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e retirou o corpo.

A perfuração do peito de Jesus, de ferida tornou-se fresta, porta aberta para o coração de Deus. Aqui o seu amor infinito por nós deixa-se tomar como água que vivifica e bebida que invisivelmente sacia e faz renascer. Também nós nos aproximamos do corpo de Jesus descido da Cruz e sustentado pelos braços da Mãe. Aproximamo-nos «não caminhando, mas crendo, não com os passos do corpo, mas com a livre decisão do coração». Neste corpo inanimado, reconhecemo-nos como seus membros feridos e sofredores, mas guardados pelo abraço amoroso da Mãe. Mas reconhecemo-nos também nestes braços maternos, simultaneamente fortes e ternos.

Os braços abertos da Igreja-Mãe lembram o altar que nos oferece o Corpo de Cristo e aí, nós, tornamo-nos Corpo místico de Cristo.

Senhor Jesus,
entregue à Mãe, figura da Igreja-Mãe!
Diante do ícone de Nossa Senhora da Piedade
aprendemos a dedicação ao *sim* do amor,
o abandono e o acolhimento,
a confiança e a atenção concreta,
a ternura que cura a vida e suscita a alegria.
Vinde, Espírito Santo,
guiai-nos, como guiastes Maria,
na gratuidade irradiante do amor,
«derramado por Deus nos nossos corações
com o dom da vossa presença»!

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Ó Mãe, que eu chore convosco,
Olhando o Crucificado,
Até Vos ver lá no Céu.*

DÉCIMA QUARTA ESTAÇÃO

Jesus é depositado no sepulcro

*A terra do silêncio e da expectativa guarda Jesus,
semente fecunda de vida nova*

V/. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus Cristo.

R/. Que pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo João 19, 40-42

Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um jardim e, no jardim, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Como para os judeus era o dia da Preparação da Páscoa e o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus.

Um jardim, símbolo da vida com as suas cores, acolhe o mistério do homem criado e redimido. Num jardim, Deus colocou a sua criatura e de lá a expulsou depois da queda. Num jardim, teve início a Paixão de Jesus e, num jardim, um sepulcro novo acolhe o novo Adão que volta à terra, ventre materno que guarda a semente fecunda que morre.

É o tempo da fé que aguarda silenciosa, e da esperança que no ramo seco já vislumbra o despontar de um pequenino rebento, promessa de salvação e de alegria. Agora a voz de «Deus fala no grande silêncio do coração».

Todos:

Pai nosso, que estais nos céus...

*Quando o meu corpo morrer,
Faz com que eu Vos vá ver
Na glória do Paraíso.
Amen.*

Palavras de Encerramento e Bênção Final

Cântico

Cruz de Cristo, nós Te aclamamos:
Jesus Cristo, nós Te adoramos.